

A OBRA “RETIRANTES” DE CANDIDO PORTINARI E AS POSSIBILIDADES DE LEITURA DA REALIDADE: APROXIMANDO E CONHECENDO UMA ÁREA PERIFÉRICA DE SÃO JOSÉ DOS CAMPOS E SUAS FORMAS DE ORGANIZAÇÃO.

Andréa Regina Silva caldas¹, Harley Pedroso Silva², Pollyanna Coeli Sacilotti da Silva³, Ronaldo Alexandre de Oliveira⁴

¹ Universidade do Vale do Paraíba/Instituto Superior de Educação/Curso de Pedagogia/

² Universidade do Vale do Paraíba/Instituto Superior de Educação/Curso de Pedagogia

³ Universidade do Vale do Paraíba/Instituto Superior de Educação/Curso de

⁴ Universidade do Vale do Paraíba/Instituto Superior de Educação/Curso de Pedagogia/ roliv@univap.br
andréa_scaldas@hotmail.com, Pedagogia/pedagogiagruppo@yahoo.com.br, cometa51@hotmail.com

Resumo- Este artigo tem o propósito de socializar dados oriundos de pesquisa, que se propôs investigar o contexto social de uma realidade de São José dos Campos, que se formou proveniente de um processo de invasão. A pesquisa busca relacionar esse processo e a realidade estudada com a obra “Retirantes (1944), de Candido Portinari. Os dados mostram, que apesar de ser uma obra produzida na década de 1940, eles ainda continuam presentes na atualidade. Assim como na tela do Portinari, que mostram personagens marcados por um contexto social que nada contribui para fixação nas suas regiões de origem, os processos de migração acabam por marcar os sujeitos entrevistados nesta pesquisa, marcas estas que acabam por desdobrar-se em muitas outras questões quando estes se vêem habitando centros urbanos mais populosos. Desemprego, fome, falta de moradia, favelização, exclusão social acabam por tornar-se práticas e condições recorrentes neste contexto. Percebemos ainda, uma fragilidade nas políticas sociais e também uma história que trás marcas da exclusão e pouco incentivo para que as classes menos favorecidas possam ir transformando a realidade a que se encontram nas suas regiões de origem.

Palavras-chave: Obra de arte; Contexto Social; Leitura da Realidade; Invasão de Terra;

Área do Conhecimento: Ciências Agrárias

Introdução

Este artigo tem por objetivo refletir sobre as possibilidades de leitura da realidade e seu contexto social, tendo a obra de arte como elemento desencadeador, acreditando-se que as imagens trazem em seus aspectos construtivos mais elementos do que aqueles de ordem somente formais, tais como: (ponto, linha, cor, textura, composição), acredita-se que a obra de arte trás marcas do contexto onde elas foram produzidas, por isso, ao lermos uma obra de arte não podemos negligenciar o contexto onde a mesma foi gerada.

A partir da disciplina Arte, História e Educação, ministrada pelo professor Dr^o Ronaldo Alexandre de Oliveira, no primeiro semestre de 2006, iniciamos uma pesquisa entorno da obra *Retirantes(1944)* de Candido Portinari com o propósito de buscar formas de leitura e compreensão da obra de arte sob diversos aspectos, tendo como referencial teórico os pressupostos e roteiro de leitura da obra de arte proposto por Franz(2003). Partindo a leitura de uma pauta para o olhar, a autora segue propondo o trabalho com a imagem ou obra de arte centrada em cinco âmbitos, a saber: âmbito pedagógico, âmbito crítico e social, âmbito biográfico, âmbito estético artístico, âmbito histórico e antropológico

e por fim propõem um trabalho de avaliação . O âmbito escolhido pelo grupo* para desenvolver a pesquisa foi o âmbito crítico social. Pois acreditávamos que a Obra de Arte estudada “Retirantes” de 1944, é portadora de uma realidade que apesar de ter sido criada na década de 1940 no Brasil, ela ainda permanece muito atual devido o contexto social ao qual estamos vivendo.

Concordamos com Franz, quando ela nos diz que uma obra de arte não serve apenas para o nosso deleite e a fruição – como elemento da cultura visual, ela aparece como uma representação social, instituída e reconhecida dentro de determinada cultura. Esse contexto apresentado pela Obra de Candido Portinari e possibilitado sua compreensão pela proposta de FRANZ, nos leva ao encontro das idéias dos movimentos migratórios no Brasil e suas implicações no contexto social.

Entre as décadas de 1930 e 1970, o Brasil passou de país agrário a país industrializado. Essa rapidez não é sinal de desenvolvimento, ela se deve ao tipo de industrialização que aqui se realizou, a qual criou desenvolvimento e pobreza ao mesmo tempo. Os ritmos acentuados de crescimento populacional urbano, a superconcentração de capital nacional e

internacional nas metrópoles para criação de infraestrutura necessária a reprodução capitalista, promoveram um aumento crescente de população não empregada que se aloja, e não habitam nos maiores centros urbanos. Os baixos padrões de investimentos para a população, os baixos salários e o êxodo rural muito acelerado, fizeram com que as cidades brasileiras crescessem com vários problemas para a população, tais como: déficit habitacional, falta de transporte urbano de qualidade; alto índice de criminalidade; desemprego; saúde precária; Educação de baixa qualidade, assim como a baixa expectativa de vida. Gilberto Dimenstein, dimensiona para nós aqui, o quanto que esta questão é grave e afeta outros aspectos da nossa vida, inclusive incidindo sobre a questão que tratamos aqui nesta pesquisa. Para ele *“A discussão sobre o tema que ganhou um contorno dramático no Brasil. Junto com o desemprego aparece uma palavra que tanto apavora as pessoas: Recessão. Poucas coisas conseguem trazer tantos problemas sociais a um país. Depois da Guerra, certamente o desemprego e a recessão são problemas que provocam danos mais generalizados no nível de vida das pessoas. Estima-se em 10 milhões o número de desempregados nos centros urbanos(...) e 23 milhões de pessoas estão sub-empregadas, sem garantias trabalhistas por não ter registro em carteira. Deu para perceber como a recessão e o desemprego são prejudiciais a uma sociedade e atinge o cidadão diretamente. (Dimenstein, 1995 – pág. 49.)*

Ainda segundo Dimenstein(1995), essa questão acaba por gerar muitas outras, dentre elas o problema habitacional, que é provavelmente um dos mais graves apresentado nas cidades brasileiras. A desigualdade social fica bem evidente ao compararmos as áreas habitadas pela população mais pobre aos bairros de elite.

Por outro lado, os problemas gerados pelo desemprego e a falta de moradia soma-se ainda a questão da fome, da falta de alimento básico a vida digna de um cidadão. Segundo (Hanle, 1976).“A fome é uma das mais sérias e óbvias manifestações da crise mundial. Com as quebras dos mecanismos tradicionais locais de segurança alimentar, a fome tornou-se quase inseparável da pobreza.(VALENTE,1986)

Pois a alimentação é uma necessidade humana básica e um direito humano básico. A necessidade de alimentar-se é evidente, assim, a maior parte das pessoas bem nutridas nunca pensa sobre ela. A maior parte das sociedades de subsistência dirige seus esforços para satisfazer esta necessidade antes de outras. A fome esta intimamente relacionada à pobreza. Em verdade a pobreza pode freqüentemente ser medida pela prevalência da fome. Mas fome não é equivalente

a pobreza, na medida em que em alguns países as pessoas são pobres, mas não famintas.(VALENTE,1986)

Partindo destes pressupostos, buscou-se relacionar e questionar o contexto social apresentado pela obra *Retirantes* (1944) de Candido Portinari, com uma dada realidade social do município de São José dos Campos .

Material e Método

Tendo como fio condutor da pesquisa o âmbito crítico – social proposto por FRANZ(2003), passamos a refletir e investigar as condições de vida de uma determinada área invadida no município de São José dos Campos. O Local escolhido foi a área denominada *“Região do Pinheirinho”* apropriada ilegalmente e por meio de uma organização interna após a “invasão”, hoje mantém um sistema de vida comunitária que busca cumprir as necessidades básicas dos seus moradores. Trata-se de uma área invadida por um grupo de pessoas e que hoje conta com um total de 7 mil pessoas, o correspondente a 1,4 mil famílias. Cerca de 2,6 mil sem-tetos são crianças de zero a 10 anos oriundas das mais diversas regiões do país, que vieram para São Paulo à procura de melhores condições de vida, mas que por vários acontecimentos, se sentiram acudadas e acabaram se organizando de forma ilegal. Foram feitas entrevistas abertas com os moradores, onde buscou-se por colher dados no sentido de compreender as razões contextuais que os levaram a optar pela iniciativa da invasão nesta dada região do município de São José dos campos.

Resultados e Discussão:

As respostas colhidas nas entrevistas nos fazem pensar nas condições de vida em que se encontram os moradores desta realidade estudada e ao confrontar com a obra do Portinari percebemos o quanto atual ela se encontra, uma vez que estes moradores se encontram assim como na obra, isto é: vivendo bem aquém dos padrões sociais. Quando nos referimos a “padrões sociais”, não estamos falando de nível sócio-econômico elevado, mas sim de condições mínimas de sobrevivência e de convívio digno em sociedade. Esta colocação no faz pensar na fala de uma das entrevistadas quando ela nos diz: *“As pessoas têm pré-conceito, muito, e sinto meio assim excluída da sociedade, eles falam que nós somos um bando de folgados que não quer trabalhar, mas não é bem assim. Aqui dentro do Pinheirinho conseguimos viver com uns R\$ 400,00 a R\$ 500,00 reais por mês”*. Temos que refletir que esta situação de descaso quanto

ao valor distribuído e o valor arrecadado pelos cidadãos diz respeito as desigualdades sociais e uma política perversa de distribuição de renda que vem sendo praticada no país, pouquíssimos com muito e muitos sem nada, o que acaba por gerar outros aspectos da exclusão, como das moradias em favelas e os preconceitos que acabam por gerar a partir do pertencer a esta realidade. Podemos perceber também na fala de um outro morador o quanto esta questão do preconceito, da segregação está presente: “A gente não fala que mora aqui no Pinheirinho quando vai no médico, eles não entendem nós né, dou endereço da casa da minha mãe quando tenho que levar minha mulher e meus filhos pro médico. Acho que eles estão errados em querer tirar nós daqui porque nós não tem condições”. As falas dos entrevistados vão dimensionando este panorama de descaso, desemprego, falta de perspectivas de vida, e um agravamento nesta constituição da identidade destas pessoas; que ora pertencem ao local, mas quando necessitam desta referencia para algum fim acaba por negar este lugar. É um mixto de um lugar que abriga, mas ao mesmo tempo me exclui, me faz não pertencer a este mundo, a esta realidade. Esta falta de endereçamento no mundo, como nos diria Paulo Freire afeta profundamente a nossa identidade, o sentir-se parte do mundo, no mundo. Um outro entrevistado nos diz: “Sou ciliar de pedreiro, pernambucano”. Minha mãe mora no Campo dos Alemães. Casei, fiquei desempregado passando necessidade ai... Já faz uns 2 anos que moro aqui no Pinheirinho, e aqui consegui arranjar serviço. A terra foi invadida, mas não sei até quando vou ficar aqui, quando arranjar um serviço melhor pretendo sair e morar num lugar melhor.”(Morador 1’)

Mesmo sendo um ato ilegal, a ocupação popular de terras nos revela também um outro aspecto do povo brasileiro, que quando necessário, vai a luta, se organiza e sempre nos dá uma lição de humanidade. Os moradores solidarizam e os fazem companheiros uns dos outros, podemos perceber isso nas trocas, nas atitudes de solidariedade, grande parte dos moradores do local passam a dividir o café, a água, o jantar, entre outras gentilezas, de conforto, de dividir o pouco que tem e se juntarem nos mutirões para as construções das barracas. Acabam por encontrar nestes espaços condições de vida, que muitas vezes não encontraram em outros espaços em que haviam habitado.

Um outro morador nos diz: “Tenho 29 anos, sou balconista mas no momento sou do lar, faz 2 anos que eu moro aqui no Pinheirinho. Nós veio pra cá porque meu marido ficou desempregado, vive aqui comigo meu marido e a criança que eu crio(...) Sou do Paraná, vim pra

cá com 2 meses de idade. No começo os médicos não atendiam mas já melhorou bastante. O pouquinho que a gente tem da para sobreviver. Sentimos que as pessoas tem desprezo por nós. Tenho 2 meninas e esse menino que eu peguei para criar porque ele tava passando fome.(Moradora 2)

Da mesma maneira uma outra moradora nos revela: “Tenho 23 anos moro aqui a 1 ano, sou diarista, meu marido ficou desempregado. Vive eu, meu marido, meus 2 filhos e meu cunhado. Eles fazem bico, são ajudantes de pedreiro. (...) Lá em Goiás a situação de emprego é muito mais difícil, e aqui é mais fácil trabalhar. Achei um absurdo o caso da moça que faleceu por negligência dos médicos, nós não somos bem tratados se fala que mora no Pinheirinho. (Vizinha da moradora 2)

Nesta mesma direção podemos Vera fala do outro morador: “Tenho 63 anos de idade fazem 2 anos que mora aqui, nasci em minas Gerais estou aqui desde 85, casei aqui, sou pedreiro, e nunca procurei ter casa, se inscrever. Uma vez eu fiquei na fila mais de 1 hora e quando chegou minha vez a moça falou que eu tinha que tirar o título daqui, ai fui tirar mas quando saiu já tinha passado tudo. Vim para cá para não pagar aluguel porque pelo contrário não queira isso aqui nem de graça”.

Estas falas nos revelam também as diversas origens das pessoas, nos faz inferir o quanto as condições precárias de vida é algo que não está localizado, mas existem em varias regiões do nosso país. Nos faz pensar nas injustiças sociais que se fazem presentes desde sempre. O quanto necessitamos de uma política, não assistencialista, mas sim que crie condições de vida para as pessoas trabalharem, terem o seus próprios sustentos, condições de ter uma moradia própria, uma alimentação digna, um sistema de saúde de qualidade.

Conclusão

Levando em consideração toda esta realidade observada, conseguimos transportar e relacionar a realidade do assentamento “Pinheirinho” com a obra, “Retirantes” de Candido Portinari. Mesmo, tendo sido feita na década de 1940 no Brasil, podemos ver o quanto ela continua atual, o quanto os investimentos e mesmo o cuidado governamental para com as questões sociais não foram pensadas de forma sistematizada e com uma vontade política que pudesse mudar este cenário; visto, vivido e eternizado pela obra de arte há tanto tempo.

Queremos nós que este cenário, fosse apenas imaginação do artista, mas podemos concluir que a obra de arte é uma instrumento simbólico pelo qual o artista configura aquilo que

o toca, que ele vê, que ele vivencia no contexto da realidade. Pode-se concluir que a obra demonstra o sofrimento real das pessoas que vivem o sonho dos pólos industriais, indo em busca de ilusões com melhores condições de vida, proveniente do possível e tentador emprego. Mas se observarmos por alguns instantes este panorama, podemos concluir que tal hipótese tem mais chances negativas do que positivas. É claro que existam exceções, mas os grandes centros vivem de uma realidade completamente diferente da esperada, por estes que saem de sua cidade visando tal expectativa. Não muito distante podemos perceber que todo este contexto citado é pertinente a realidade em maior ou menor intensidade, vivida pelos moradores do assentamento Pinheirinho.

Referências bibliográficas

DIMENSTEIN, Gilberto – Cidadãos de Papel, São Paulo, Ática, 1993 20ª. ed.

FREIRE, Paulo – Educação e Mudança, Ed. Paz e Terra, 9ª. Edição.

VALENTE, Flávio. Fome e desnutrição: Determinantes Sociais, São Paulo, Cortez, 1986

TOURAINÉ, Alain. Igualdade e Diversidade, Florianópolis, EDUSC, 1998.

http://veja.abril.uol.com.br/idade/exclusivo/271102/p_054.html

<http://www.mst.org.br/informativos/indice.html>

As falas que estão na seção Resultados e Discussão, são provenientes das entrevistas realizadas com moradores do assentamento “Pinheirinho”, obtidas na sondagem realizada e registrada em fita VHS, pelos autores do artigo.